

Fernando Pessoa e a Linguagem da Degenerescência

Bruno Barreiros¹

Ao meu Pai (*in memoriam*)

– Introdução

A medicina e a psiquiatria são uma das múltiplas portas de entrada na escrita de Fernando Pessoa. Não raro, os conceitos médico-filosóficos enquadram e dão o mote a uma produção poética que, como se sabe, segue bem de perto as tentativas de compreensão de si e de autodiagnóstico em que Pessoa nunca deixou de se empenhar. Os resultados são bem conhecidos e esteticamente sublimes. Basta evocar os versos de “Autopsicografia” – descrição poética numa primeira pessoa que, contudo, a todo o momento se deixa escapar – para compreender o que acabamos de afirmar. O presente texto visa entreabrir uma destas portas e sublinhar a importância da linguagem da degenerescência na vida intelectual de Fernando Pessoa. Partindo de uma breve delimitação do significado deste conceito na linguagem médica e psiquiátrica na transição dos séculos XIX para o XX, resgatando sentidos e autores que o poeta leu e com quem

poderá mesmo ter privado, este breve ensaio pretende ilustrar, em seguida, a importância do conceito de degenerescência para a compreensão daquilo que o poeta foi escrevendo sobre si e sobre *ethos* dos criadores literários. Finalmente, mostrar-se-á como a linguagem específica da degenerescência – com as suas variações de sentido – nos pode ajudar a compreender alguns enunciados poéticos que nessa linguagem específica se parecem inspirar.

A questão preliminar que se nos impõe é a seguinte: por que razão falamos de laboratório e, em concreto, de um laboratório de linguagem? Ao fazê-lo afirmamos que Fernando Pessoa parece dado à experimentação – nomeadamente ao nível conceptual – e que essa experimentação visa ampliar as possibilidades recreativas do seu labor poético. José Gil, de quem tomamos a metáfora, afirma certamente que “[e]le tinha o seu laboratório de linguagem. Estava consciente disso, e espantava-se e maravilhava-se como se tudo se passasse fora dele”. E mais à frente: “[p]orque era realmente dentro dele que se produzia a obra, que se aceleravam os mecanismos que acompanham a produção de palavras, de metáforas, de versos, de poemas, de odes inteiras” (GIL, 1987, p. 9).

Neste laboratório de linguagem, forjado por Fernando Pessoa, os conceitos oriundos da psiquiatria cumpriram decerto um papel fundamental, pelo menos se tivermos em linha de conta o espólio do escritor e as dezenas, se não centenas, de anotações, fichas de leitura, projetos de livros e linhas de autoanálise que evidenciam o enorme impacto destas leituras psiquiátricas na vida intelectual do autor. Neste horizonte teórico global, um conceito específico adquire uma singularidade e importância fulcral: o conceito de degenerescência. Nos *Escritos sobre o Génio e a Loucura*, sistematizados e publicados por Jeróni-

mo Pizarro com base no espólio, poder-se-á dizer que o conceito detém uma presença ubíqua. E qual a razão deste interesse ou quase-obsessão pelo tema da degenerescência?

As razões são, segundo creio, várias, mas podem ser resumidas em três motivações principais. Por um lado, Fernando Pessoa manifestou, desde cedo, especial curiosidade pela *topica* psiquiátrica, e esse interesse intelectual adquiriu um enorme impulso depois do seu abandono do Curso Superior de Letras em 1907. Pessoa era simultaneamente um curioso e um autodidata. Pretendia autodiagnosticar-se em relação às doenças havidas ou a haver. Por outro lado, razões familiares e o espectro da hereditariedade mórbida (a sua avó Dionísia Perestrelo de Seabra padeceu de demência) poderão, também elas, ter aguçado a sua especial vocação psiquiátrica, ajudando a compreender algumas das leituras do jovem poeta. Finalmente, não devemos esquecer que se é verdade que, para Pessoa, a produção artística implica, em si mesmo, um *dever-outro* – estranhar-se em relação a si em ordem à produção de novas significações – talvez seja na figura histórica do louco ou do alienado (que adquire um significado etimológico diverso daquela noção, mas confluyente a partir de um certo ponto histórico) que esse estranhamento adquire a sua configuração mais robusta. É que o louco é aquele que está decisivamente *fora de si* e, para o poeta, “só se refinam as maneiras de sentir, só se sente por meio de um artifício, quando deixou de se ser um ‘eu’ de contornos precisos” (GIL, 1987, p. 2). Neste quadro, mais se justifica que Fernando Pessoa faça entrar a linguagem médico-filosófica no seu laboratório de linguagem. A loucura permite compreender o que significa a alienação, isto é, a experiência de constituir um *eu* sem

fronteiras precisas, rígidas e invariáveis (BARREIROS, 2019, pp. 119-141).

– Breve delimitação conceptual: em busca de uma linguagem

Ao considerarmos a produção escrita de Pessoa na sua intrínseca pluralidade percebemos que os conceitos psiquiátricos vêm permitir o autodiagnóstico, mas também que a medicina permitiu enriquecer o seu laboratório de linguagem, ampliando assim o horizonte dos possíveis poéticos. Numa passagem conhecida, oriunda da célebre carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de Janeiro de 1935, o poeta diagnostica-se como um como um histero-neurasténico. Diz ele: “porque há em mim fenómenos de abulia, que a histeria (que ele afasta do diagnóstico), propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas” (PESSOA, 1999, p. 340). Fernando Pessoa sabe do que fala. Esta missiva constitui já uma referência tardia (o poeta morreria a 29 de novembro de 1935) e permite compreender a importância da linguagem psiquiátrica na tarefa de compreensão de si. Mas, ao considerarmos o restante da sua produção, parece-nos defensável que o modelo teórico predominante em psiquiatria – diríamos *paradigma* à maneira de Thomas Kuhn – que mais influenciou Pessoa foi o modelo da degenerescência. Mas o que foi este modelo explicativo? Quais as razões que o tornaram atrativo?

De forma muito esquemática, cumpre dizer que a degenerescência constituiu um conceito que conheceu um tremendo poder de sedução entre os intelectuais da transição do século XIX para o século XX, tornando-se o denominador comum de uma linguagem que irmanou a

medicina, a psiquiatria e as ciências da vida neste período. O ponto de partida deste modelo – “maximalista” em termos explicativos, como bem assinala Luís Quintais – residia na crença inquestionada da existência de um “(...) fundo mórbido que se acumularia de geração em geração e que, quando menos se esperasse, irromperia, pondo à prova o tecido social e político vigente” (QUINTAIS, 2008, p. 355).

Forjada neste esteio, a noção de degenerescência extravasará em muito a linguagem médica, vindo a tornar-se um conceito heurístico fundamental na antropologia e na criminologia, entre outras áreas do saber. Converter-se-á rapidamente numa espécie de *significante flutuante*. Quanto mais impreciso é o seu significado, mais o conceito adquire a capacidade de significar, mormente fenómenos contraditórios ou mesmo puras antinomias clínicas e conceptuais. Por exemplo, não foi incomum referir, na senda de Max Nordau, que existiriam “elementos mórbidos na literatura, e sobretudo em certas manifestações da literatura contemporânea” (PESSOA, *Obra Aberta*, p. 1). Poderão fenómenos contraditórios – o génio e a desrazão – ser compreendidos como manifestação do mesmo processo mórbido ligado à degeneração em curso? Pessoa não tinha dúvidas quando afirmava que “o génio é uma degenerescência”.

Ainda que saibamos que o poeta é, também ele, *um fingidor*, chama-nos a atenção tal equivalência discursiva. Que a degenerescência permita compreender, num mesmo movimento conceptual, a criação artística e a loucura é um aspeto que nos coloca no cerne da natureza da linguagem que aquele termo possibilitou. Ora, o que caracterizou tal linguagem foi o seu carácter caleidoscópico. Daniel Pick em *Faces of Degeneration. A European Disorder*

chama-nos a atenção para esta particularidade expressiva que permitiu quer a rápida ascensão desta linguagem, quer a conseqüente queda desta teoria explicativa. Como diz o autor, “não existe um referente estável ao qual se aplica a palavra degenerescência; em vez disso, existe um caleidoscópio fantástico de preocupações e objetos (...), do cretinismo ao alcoolismo, passando pela sífilis, da população rural à classe urbana trabalhadora, da burguesia à aristocracia, da loucura ao roubo, do indivíduo à multidão, do anarquismo ao feminismo, do declínio da população ao aumento populacional” (PICK, 1993, p. 15).

Ora, poder-se-ia pensar que esta ambigüidade fundamental votaria o conceito a um rápido esquecimento, mas tal não veio a suceder. Nem na Europa, nem em Portugal. E isso mesmo nos é dado a ver se olharmos para a psiquiatria e para os psiquiatras portugueses do tempo de Fernando Pessoa. Basear-me-ei, em larga medida, no excelente trabalho do antropólogo Luís Quintais que mostra como a linguagem da degenerescência atraiu psiquiatras notáveis como Miguel Bombarda ou Júlio de Matos, mesmo após a agonia deste conceito no plano Europeu (ele virá a declinar nas primeiras décadas do século XX, para ver o seu lugar ocupado pela linguagem psicanalítica). Este autor refere-se, pois, à teoria da degenerescência, mais do que como uma teoria, como uma metateoria, “uma espécie de mapa” com base no qual se classificam e descrevem “experiências com contornos ameaçadores para uma certa concepção de ordem social e política” (QUINTAIS, 2008, p. 353). E, claro, porque tudo integra, o modelo rapidamente perderá o seu poder heurístico, a sua capacidade explicativa.

Mas antes do seu canto cisne, e se tivermos em conta a literatura psiquiátrica portuguesa da transição do século

XIX para o século XX, que Pessoa terá provavelmente conhecido (lembramos que terá consultado Egas Moniz em 1907), é inegável o fascínio dos nossos psiquiatras por este paradigma (MARTINHO, 2003). E, respeitando a dimensão caleidoscópica desta linguagem, recorrem a ela mesmo quando se trata de explicar caracteres ou traços de personalidade contraditórios e conflituantes. Que o diga Miguel Bombarda que, em 1898, podia afirmar que “as degenerescências, progressivas ou regressivas, abrangem múltiplos estados de anomalia cerebral, desde as formas geniais, passando pelas nevroses, pela loucura, e pelo crime, até ao idiotismo” (*apud* QUINTAIS, 2008, p. 355). Júlio de Matos, por seu turno, podia referir-se à alienação mental não como “a repetição necessária da loucura ancestral (isto é, hereditária), mas o último termo” – diríamos nós por uma espécie de acumulação infinitesimal –, “de uma longa série de íntimas degenerações físicas e psicológicas” (*apud* QUINTAIS, 2008, p. 355). E não podemos deixar de citar mais uma passagem de Júlio de Matos que dirá, destes degenerados, que “uns são bons poetas, outros bons músicos ou bons pintores; mas nenhum possui a maleabilidade de espírito que uma educação enciclopédica reclama e exige” (*apud* QUINTAIS, 2008, p. 355). Nada mais estranho, para nós, do que esta extrema fluidez entre o normal e o patológico que a linguagem da degenerescência reclama e pressupõe.

E esse caráter totalizante ou caleidoscópico é ainda mais patente nas múltiplas reflexões sobre os “degenerados superiores” que convocaram os psiquiatras da época. Em 1913, o psiquiatra Sobral Cid podia lamentar, a este respeito, que “a vulgarização da teoria da degenerescência e das doutrinas lombrosianas (Césare Lombroso, autor de obras como *Gênio e Loucura* ou *O Homem*

Delinquente) sobre as relações entre o gênio, o crime e a loucura (...) fizeram-nos uma mentalidade especial, disposta a decorar com a rubrica da loucura ou a colorir com a etiqueta da degenerescência, todos os personagens da vida real em que se logra vislumbrar o esboço de uma fobia, de uma obsessão, ou que marcam por uma excentricidade evidente, por uma singularidade de conduta ou anomalia de caráter” (*apud* QUINTAIS, 2008, p. 366).

Veremos, já a seguir, a forma como Pessoa abre as portas do seu laboratório de linguagem ao conceito de degenerescência assinalando, desde já, que também ele intui o esgotamento conceptual de tal paradigma explicativo. “O próprio termo degenerescência – dirá Pessoa – é fértil de confusões e de hesitações” (PESSOA, 2006, p. 319). Porque tudo significa, ele perderá rapidamente a própria capacidade de significar.

– A reelaboração pessoana do conceito de degenerescência

Basta lermos a recolha realizada por Jerónimo Pizarro, *Escritos Sobre Gênio & Loucura*, para percebermos o profundo interesse pessoano pela psiquiatria e pelo modelo de explicação que a teoria da degenerescência constituiu. O seu interesse por compreender o paradigma explicativo, em explorá-lo, em lhe adivinhar a agonia, em se reapropriar da sua linguagem. Mas para que serviam estas leituras?

Sabemos que Pessoa lê metodicamente Max Nordau (célebre autor nascido na Hungria, autor de uma obra intitulada *Degenerescência* em dois tomos). Sabemos, também, que projetou escrever um *Ensaio sobre a Degenerescência*. Mas o que lhe interessava neste conceito? Como

vimos, interessava-lhe certamente a autocompreensão. E, muito provavelmente, via nestas concepções uma chave que permitiria decifrar os próprios mecanismos da produção poética. E isto porque, para uma certa psiquiatria da época (pensamos em Max Nordau, por exemplo), também os artistas, literatos, intelectuais surgem pensados como *degenerados superiores*.

Que as ciências médicas alguma vez se tenham aproximado tanto de uma forma de diagnosticar e julgar que nos surge muito mais como moral do que científica, não deve espantar. Sabemos bem, pelo menos desde Michel Foucault, que a psiquiatria vem tecer uma certa conceção de normalidade, radicando-se num poder simultaneamente científico e disciplinar (um poder-saber). Se sei posso e se posso sei. Lembremos, em jeito de provocação, a célebre frase do filósofo francês: “A Psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade sobre a Psicologia”.

É muito significativa a conceptualização que Fernando Pessoa fará da ideia de degenerescência. Se é certo que a deixa entrar no seu laboratório, parece ser isso à custa de uma exploração total e esgotamento dos significados. Tenta ler o conceito com o olhar do diagnosticado já que, como veremos mais à frente, lhe surge como inegável que há um fundo mórbido em todo o artista. Tenta que seja a loucura diagnosticada a revelar o sentido da teoria. O que resulta deste trabalho de cinzel?

Poder-se-á afirmar que Fernando Pessoa, no mapeamento a que vai proceder deste conceito, se aperceberá quer da sua maior virtualidade (maximalismo explicativo), quer do seu principal óbice (indeterminação do significado). Da leitura dos seus escritos sobre génio e loucura podemos anotar algumas tendências gerais. A pri-

meira é a tentativa de delimitar o conceito com algum rigor clínico, o que o levará a equiparar a degenerescência à depressão e às suas diversas manifestações: “So we arrive at the conclusion that degeneration is a *depression*, having as its forms either laziness, weariness, painfulness, apathy, etc.” (PESSOA, 2006, p. 103). Avançando mais nesta delimitação, Pessoa pretende dar maior preenchimento ao conceito e sublinhará que a degeneração passa por: “*the fundamental incapacity for applying the mind to serious things*” (PESSOA, 2006, p. 108). É interessante notar que vê no enfraquecimento do sentimento religioso uma das manifestações privilegiadas desse processo degenerativo.

Se estas notas vêm a traçar ainda um horizonte demasiado impessoal, já o que escreve a propósito da criação artística permite-nos compreender que a linguagem da degenerescência terá servido o propósito de autodiagnóstico que referimos no início e, sob esse esteio, terá sido uma das bases para a compreensão da criação artística como um processo específico. Sob a influência direta de Max Nordau, mostra estranheza em relação a “those yet capable of comprehending that certain works of art are products of degeneration” (PESSOA, 2006, p. 109). Com efeito, parece inegável que o artista é um degenerado, estando, por isso mesmo, excluído da família da normalidade. Mas quais os sintomas físicos da doença?

A este propósito Pessoa irá responder que “a degenerescência é uma inaptidão à ação porque é uma *fadiga*. E quando há ação, é perturbada” (PESSOA, 2006, p. 110). E se o que caracteriza o degenerado, entre outros aspectos, é uma inaptidão fundamental ou uma abulia da vontade (interpreto eu), o que caracteriza o génio criativo é ser ele: “(...) uma degenerescência onde houve, por uma

reação /biológica /espontânea, uma inibição dos fenômenos degenerativos” (PESSOA, 2006, p. 115). O génio desenha-se fora na normalidade. Pessoa cita Goethe “O homem de génio é do seu tempo somente pelos seus defeitos” (PESSOA, 2006, p. 149). Pelas suas proezas, fora do tempo, fora da normalidade, poderíamos afirmar.

O que as anotações de Fernando Pessoa demonstram, por trás desta obsessão com os temas psiquiátricos que foi veiculada por esta linguagem específica, a da degenerescência, é um horizonte cultural e científico saturado pela busca de normalidade. E é claro, quanto a nós, como a medicina concorreu, ela própria, para veicular esta verdadeira neurose coletiva.

Neste quadro, tal como o interpretamos, há um problema psiquiátrico e metafísico por resolver? Como harmonizar o génio e conceitos correlatos (o espírito criativo, a obra de arte) com a categoria do normal? Neste ponto, Fernando Pessoa recorre-se de enunciados que são antimónicos. O génio não é normal pois, como vimos, é um degenerado. Ou, como dirá mais à frente, “o génio é uma anormalidade” (PESSOA, 2006, p. 114); todavia “é uma anormalidade com ação *social*, isto é, com efeitos socialmente aceites como se fossem normais – admiração, discipulismo, etc” (PESSOA, 2006, p. 114). Mas uma dificuldade se nos coloca: se o génio é anormal, louco ou degenerado, como impõe a sua obra? Como é que o louco – que está, à partida, indisponível para a verdade – pode granjear compreensão de um público saudável, dito normal? Em suma, como pode ele estabelecer a comunicação que a obra artística implica?

A resposta de Fernando Pessoa dá conta, mais uma vez, de um universo mental e cultural saturado de pressões de normalidade e de normalização:

Depois para se tornar, por louco que seja, socialmente aceite, é preciso que um homem de génio encontre predispostos a aceitá-lo antes, vários/ muitos/ espíritos, cuja (suposta) loucura ele melhor que qualquer outro sintetiza. E nesse caso passa a sua loucura a ter um característico especial – a *representatividade* (PESSOA, 2006, p. 114).

O louco canaliza a loucura que circula no corpo social e, deste modo, adquire o poder de representar a desrazão e o seu regime próprio de evidência. Mais claro ainda, consideremos um “Excerto da resposta a um Inquérito de 1916” sobre produção literária. Neste texto, Fernando Pessoa esbaterá mesmo a distinção entre degenerados inferiores e superiores, intuindo o carácter paradoxal da segunda expressão:

Toda a produção artística superior é, por sua natureza, um produto da decadência e da degeneração. Em primeiro lugar é original, e a originalidade, biologicamente considerada, não passa de um afastamento do tipo normal, sendo por isso um desvio, puro e simples (...)

Mas a produção artística tem mais lados, além da originalidade, pelos quais se afirma produto mórbido. Sendo certo que todo o génio é um degenerado (nem superior, nem inferior, porque há só degenerados de uma espécie, mau grado a absurda escapatória dos psiquiatras *modern style*), certíssimo é, sem dúvida, que entre os génios, os da inteligência assumem um relevo máximo de degeneração. Um chefe político, um grande general, são, no que génios, degenerados, porque

são desvios do tipo normal e originais na sua ação e na sua individualidade. Mas são normais porque são homens de ação, porque vivem no meio da vida, e não se pode fazer isso sem uma certa adaptação a ela (PESSOA, 2006, p. 118).

Que a verdadeira obra de arte veicule um delírio ou a desrazão – ainda que susceptível de ser camuflada por certos literatos com o véu da normalidade – parece um facto inquestionável para Fernando Pessoa. Numas “Considerações a fazer sobre a degenerescência, quando é aplicada a literatos sua apreciação”, Fernando Pessoa faz jogar os dois conceitos à luz da obra e saúde mental de Walt Whitman:

Um facto curioso nas obras dos degenerados que mais acusam a degenerescência nos escritos é a antítese às vezes entre a aparente saúde mental do homem e o delírio de sua obra, outras vezes (como em Whitman) onde não há saúde mental, em todo o caso entre o *character* do homem e o da sua obra” (PESSOA, 2006, p. 137).

As considerações de Fernando Pessoa sobre a degenerescência e as suas interseções com a arte são muito ricas e densas. Gostaria de sublinhar que, no quadro global destas considerações, Pessoa vai afinando o conceito e intensificará a sua atenção sobre uma forma de alienação particular, a mania da dúvida. Como muitas vezes acontece em Pessoa, as conclusões vão sendo contraditórias entre si. Se antes a degenerescência tinha como sintoma fundamental a apatia, mais à frente Pessoa escreve a propósito da loucura:

O que é a loucura, o delírio? (...) O característico geral da loucura, das loucuras é evidente: é *exagero de uma faculdade*, exagero que tolhe/ a função normal/ dessa faculdade. (...) O epiléptico é o mais movimentado de todos os doentes, mas esse excesso de movimentação tolhe toda a espécie de movimento normal (PESSOA, 2006, p. 137).

Estranha citação esta se pensarmos que a loucura deva ser pensada como o último reduto da degeneração e que esta, por seu turno, se definira pela apatia e lassidão existencial. Para rematar, sublinhe-se que Pessoa encara algumas destas doenças da mente – metamorfoses do fundo mórbido acumulado pelas populações – como apropriáveis em temas poéticos. Vejamos o que escreve o poeta sobre a depressão:

Os sentimentos depressivos, sobretudo quando neles há um elemento de exaltação, sendo dos piores que podem pesar sobre a alma, são dos que mais se prestam ao interesse artístico, porque a angústia sentida por leitura dá todo o estremecimento que lhe é próprio, sem a depressão física, com que a sua realidade pessoal é acompanhada (PESSOA, 2006, p. 138)

Seriam todas as doenças da mente prestáveis ao interesse artístico? A resposta à questão não é clara mas parece-nos inegável que Fernando Pessoa não enjeitou as possibilidades expressivas destas degenerescências pelas quais se interessou e através das quais se diagnosticou. Para finalizar, sublinhe-se o interesse muito agudo de Fernando Pessoa pela “mania da dúvida”, cujos sintomas predominantes, etiologia e diagnóstico anota de um *Dici-*

onário de ciências médicas (PESSOA, 2006, p. 87). Esta doença, que já aparece descrita em autores clássicos como Pinel, Esquirol, surgirá pensada como mania sem delírio, monomania do raciocínio ou patologia da inteligência, forma de alienação parcial por excelência. Creio que não será difícil demonstrar o lugar central que este delírio ocupou, enquanto mote inspirador, na criação literária do poeta português.

– Para concluir: ecos da degenerescência na produção literária pessoana

Gostaria de concluir com três breves passagens da obra de Fernando Pessoa que podem ser interpretadas à luz desta reapropriação da degenerescência, dos sentimentos depressivos, da hesitação, da dúvida e da irresolução metafísica. A primeira referência é o poema “Tudo o que faço ou medito”, onde claramente estes objetos surgem subordinadas ao interesse artístico.

Tudo o que faço ou medito
Fica sempre pela metade,
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma e' lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço...

Um mar onde bóiam lentos
Fragmentos de um mar de alem...
Vontades ou pensamentos?

Não o sei e sei-o bem.
(PESSOA, 1995, p. 177)

E o que dizer da reelaboração do tédio no *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares. Tal como anteriormente, é o tédio que importa agora fazer entrar no laboratório de linguagem, de forma a compreender a sua significação total. E talvez ele, sob a forma de mal-estar físico e metafísico, corresponda ao verdadeiro referente da linguagem da degenerescência que apontava já para um profundo mal-estar civilizacional que as ciências biológicas, a psiquiatria e a própria poesia mais não fizeram do que ecoar. “O tédio é, sim, o aborrecimento do mundo, o mal-estar de estar vivendo, o cansaço de se ter vivido” - ou, dizendo de outro modo, “o tédio é, deveras, a sensação carnal da vacuidade prolixa das coisas. Mas o tédio é, mais do que isto, o aborrecimento de outros mundos, quer existam quer não; o mal-estar de ter que viver, ainda que outro, ainda que de outro modo” (PESSOA, 2001, Trecho 381).

Para concluir, uma breve referência a um texto intitulado *Marcos Alves*, um escrito que ilustra bem que como a psiquiatria permitiu, no universo pessoano, tecer projetos e personagens literários bem específicos. Neste breve texto, surge-nos um Marcos Alves “habituaado a analisar-se” que se via “em visões de lucidez quase alucinada” (PESSOA, 2006, pp. 539 e 541). O que é retratado é uma tentativa de suicídio e as razões explicadas do suicida. No fundo, a desrazão parcial contada na primeira pessoa.

A pressão asfíxiante da normalidade é, uma vez mais, o ponto subjacente à curta narrativa. Marcos Alves sentia-se “(...) mais ridículo do que nunca” e, porque risível,

“(...) cortado, pelo ridículo, da sociedade, da vida, do mundo” (PESSOA, pp. 528 e 527). Mas o que mais nos chama a atenção neste curto texto é o lugar que a própria teoria e linguagem da degenerescência vem a ocupar no desenrolar da trama. Qual o motivo que justifica o suicídio de Marcos Alves? A resposta é dada pelo próprio personagem:

Resumia-se tudo afinal – seguia o pensamento de Marcos – n’um caso simples perante a ciência. Alves já sabia a chapa das explicações científicas. Resumia-se tudo em uma necessária eliminação de um inapto à vida, do que era conhecido por um degenerado. Ao sentir mentalmente o termo, Alves passou na corrente dos seus pensamentos e sorriu amargamente à ideia da sua degenerescência. Contudo, prosseguiu-lhe o pensamento triste, essa noção científica era exata e aplicável no seu caso. Que maior prova de degenerescência do que esse acabar assim, em nada, fora de tudo (PESSOA, 2006, p. 542).

Sobral Cid não ilustraria melhor esta “mentalidade especial” que se dispunha a marcar a mínima diferença – fobia, loucura, obsessão – com a ubíqua “etiqueta da degenerescência”. Marcos Alves aplicava a si mesmo esta chapa das explicações científicas que, para o seu criador, foi simultaneamente um instrumento de autoanálise e um mote de criação artística.

Agradecimento

Expresso o meu agradecimento ao investigador Nuno Ribeiro pelo convite que me dirigiu para conduzir o se-

minário universitário que esteve na gênese do texto que agora se publica. O texto beneficiou também dos comentários estimulantes, pertinentes e enriquecedores da investigadora pessoana Cláudia Franco Souza, a quem muito agradeço. Uma palavra final de reconhecimento à Professora Marta Carvalho que me convidou a escutar um dos poemas aqui citados.

Notas

¹ CHAM – Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa

Referências Bibliográficas

BARREIROS, B. (2019). “A alienatio mentis como tópico literário: breve incursão partindo de Fernando Pessoa”. In N. Ribeiro (Ed.), *A(s) poética(s) de Fernando Pessoa* (pp. 119-141). Lisboa: Apenas Livros.

GIL, José (1987). *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Lisboa: Relógio d’Água.

MARTINHO, José (2003). “Sobre a recepção de Freud em Portugal”. In: *Metacrítica: Revista de Filosofia*, nº 3, pp. 1-7.

PESSOA, Fernando (1966). *Páginas Íntimas e de Autointerpretação*. Textos estabelecidos por R. Rudolf Lind e J. P. Coelho). Lisboa: Ática.

PESSOA, Fernando (1995). *Poesias*. Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática.

PESSOA, Fernando (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

PESSOA, Fernando (2001). *Livro do Desassossego*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.

PESSOA, Fernando (2006). *Escritos Sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Primeiro e Segundo Volume. Lisboa: Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

PESSOA, Fernando (2015). “Desde a ‘Degenerescência’ de Nordau, a atenção de muitos críticos”. Arquivo Pessoa, Arquivo Pessoa: Obra Édita - Desde a “Degenerescência” de Nordau, a atenção de muitos críticos... – (último acesso em 13 de Março de 2022)

PICK, Daniel (1993). *Faces of Degeneration. A European Disorder. C. 1848-1918*. Cambridge: Cambridge University Press.

QUINTAIS, Luís (2008). “Torrente de loucos: a linguagem da degeneração na psiquiatria portuguesa da transição do século XIX”. *História, Ciências, Saúde – Manuscritos*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.353-369.

RIBEIRO, N., & SOUZA, C. (2019). *Fernando Pessoa: Escritos sobre Freud*. Lisboa: Apenas Livros.

